

Entre o Neoliberalismo e a Identidade Nacional: A produção da subjetividade entre a juventude japonesa

Trapped between Neo-Liberalism and the Nation State: Production of subjectivity among the Japanese Youth

Rafael Munia

Mestre e pesquisador bolsista do MEXT, Waseda University. Principais publicações: The limits of multiculturalism in Japan: in defense of interculturalism and nomadic assemblage (Ponto Urbe. Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, v. 16, 2015); Political consequences of coping through escape: japanese youth coping with uncertainty (in: SHARMA, C. S. e SHARMA, U. (Org.), Coping with uncertainty. New Delhi: Vikas Publishing House, 2014, p. 65-73).

Resumo:

O presente artigo trata da produção de subjetividade, fugindo do conceito de “identidade”, entre a juventude japonesa no contexto do neoliberalismo. A partir das narrativas coletadas por meio de entrevistas ao autor, à mídia japonesa e a outros pesquisadores, foi possível constatar que a produção da subjetividade se dá no meio de duas máquinas de produção de japesidade distintas: o neoliberalismo, representado pelo mercado e pelo ideário empreendedor, e a identidade nacional, representada pelas instituições de ensino e os discursos herdados do *nihonjinron*. Percebeu-se no decorrer da pesquisa que o aparato neoliberal, apesar de servir como ferramenta de escape para uma juventude que se vê limitada por um rígido discurso de identidade nacional, também funciona como um mecanismo de captura, reterritorializando os jovens em uma série de novos discursos sobre japesidade, sem que os discursos identitários abandonem o imaginário japonês.

Palavras-chave: Subjetividade, Neoliberalismo, Japão, Identidade nacional.

Abstract:

This article deals with the production of subjectivity, moving away from the concept of “identity”, amongst the Japanese youth in the context of neo-liberalism. From the narratives collected through the interviews conceded to the author, to

the Japanese media, and to other researchers, it was possible to observe how the production of subjectivity happens amidst two different machines producing Japanese-ness: neo-liberalism, represented by the market and by the ideas of entrepreneurship; and national identity, represented by educational institutions and the discourses inherited from *nihonjinron*. Along the research it was possible to notice that, while the neo-liberal apparatus serves as an escape tool for a youth that sees itself limited by a rigid discourse of national identity, it also works as a capture mechanism, reterritorializing the youth in a series of other discourses about Japanese-ness, without freeing them from the former discourses on rigid Japanese-ness.

Keywords: Subjectivity, Neo-liberalism, Japan, National identity.

INTRODUÇÃO

A literatura a respeito do conceito de *identidade japonesa* produziu pistas interessantes para se analisar a formação da identidade nacional por meio do Estado e das instituições que permeiam o ciclo de vida dos japoneses (HORIO, 1988; MCVEIGH, 2000; OKAMOTO; SMITH, 2004; SUGIMOTO, 2010). Porém, dado que cada vez mais os mercados e instituições globais têm tido um papel central na pós-modernidade, não se pode mais discutir a produção de subjetividades como sendo puramente subjetificada pela nação. Além desses elementos, vale também argumentar que a era das incertezas em que vivemos é caracterizada por uma falta de confiança nas instituições do Estado, ciência, partido, sindicatos, e igrejas, como Lyotard (1984) descreve, ao mesmo tempo em que cria uma completa confiança na instituição do mercado.

De fato, quando se analisa a literatura a respeito das *sociedades pós-fordistas*, como entendidas por Gorz (2010), Berardi (2009), Stiegler (2011, 2013), Marazzi (2008, 2011), Virno (2004), e Negri e Hardt (2001, 2011), torna-se claro o quão generalizada se tornou a lógica do mercado, determinando a forma das pessoas tomarem decisões, dar valor às coisas e descrever a si mesmas. Portanto, não é possível ignorar a influência do mercado em qualquer análise

da sociedade ou do indivíduo que seja feita hoje em dia. É precisamente nessa ordem esquizofrênica que esse artigo posiciona a juventude japonesa como sujeito, já que o trabalho, como argumentam Negri e Hardt (2011, p. 132), se tornou biopolítico, o que significa dizer que “seres humanos como capital fixo se encontram no centro dessa transformação, e a produção de formas de vida está se tornando a base do valor agregado”.

Sob essa nova lógica, o capital não controla apenas o labor físico, mas também o labor afetivo e cognitivo. Por meio do processo dessas formas imateriais de produção (GORZ, 2010), o saber e os afetos passaram a ser avaliados pelo mercado em relação a quanto podem produzir de valor comercializável. Isso não apenas altera a lógica de produção, mas também a própria lógica de produção de informação e conhecimento. A busca pelo conhecimento não é mais pautada por uma busca por aquisição de cultura, nem tem mais como meta a compreensão das relações sociais e políticas que os cercam; em vez disso, o conhecimento tornou-se uma forma de adicionar valor para si mesmo como força de trabalho. Ao passo que o capital torna-se imaterial, semiótico e afetivo, ele também torna-se uma força de individuação, moldando as subjetividades das pessoas e conseqüentemente, seus objetivos de vida.

Sob a ideia de formação contínua, os indivíduos são encorajados a estar constantemente “adicionando valor” a si mesmos por meio de treinamentos e cursos, fazendo que a experiência do aprendizado esteja intrinsecamente conectada ao trabalho. As amizades tornam-se *networking*, e oportunidades de fazer amigos são consideradas eventos para construção de contatos (BAUMAN, 2003). Além disso, a introdução do *e-mail* e, mais precisamente, do *smartphone*, produziu um indivíduo permanentemente conectado com o local de trabalho, a uma chamada ou mensagem de distância de seu chefe. O trabalho, assim, invade o tempo de lazer e de descanso.

Isso não significa dizer que o Estado não mais é um ator de individuação, visto que ele ainda produz narrativas de identidade nacional, especialmente por meio de instituições sociais, como a escola. No caso do Japão, as narrativas de identidade nacional, que podem ser traçadas desde a era Meiji (KINMONTH, 1982) e que tenham talvez atingido sua forma presente com o *nihon-*

jinron (BEFU, 2001), são rigidamente enfatizadas ao longo da experiência escolar, reproduzindo uma ideologia da homogeneidade perpetuada nas escolas por meio de várias técnicas (OKANO, 2009; SUGIMOTO, 2010). O que esse artigo se propõe a dizer é que há um novo agente chamado mercado, que adicionou um campo dentro de outro campo, que aparece em muitas das narrativas de jovens japoneses como uma alternativa a instituições mais *tradicionais*.

METODOLOGIA

Além da literatura estudada a respeito da *malaise* das sociedades contemporâneas, bem como sobre a natureza esquizofrênica das sociedades pós-fordistas e suas novas relações com as novas formas de labor, o presente artigo também analisa narrativas de estudantes japoneses que demonstraram padrões em relação à produção de suas subjetividades entre esses dois campos, apresentados a eles como possíveis caminhos a serem seguidos. As narrativas analisadas para a construção do artigo consistem tanto de dados primários, bem como de narrativas apresentadas em outros estudos e na mídia. As narrativas coletadas pelo autor não foram obtidas por meio de entrevistas estruturadas, pois o autor deu preferência para que as narrativas fossem produzidas de forma mais orgânica pelos estudantes, fluindo naturalmente e ganhando densidade de acordo com os afetos de cada estudante com as experiências sendo descritas. Os idiomas utilizados foram o japonês, o inglês e o português.

A localidade das experiências dos estudantes variou, bem como o período da vida que escolheram compartilhar. Algumas das experiências foram compartilhadas em Tóquio, outras em Ibaraki, Osaka, Nagoia e Hokkaido. Contudo é importante salientar que, dadas as características migratórias japonesas nas quais jovens de diversas províncias se mudam para Tóquio em busca de maiores oportunidades de educação e emprego, muitas das experiências compartilhadas em Tóquio foram de estudantes originários de outras províncias. Embora esses fatores tragam limitações para efeitos comparativos, o au-

tor preferiu que as narrativas dessem foco aos momentos que trouxeram mais afeição dos estudantes a ponto de serem compartilhadas.

Ainda que os jovens que participaram deste estudo venham de diferentes províncias, com diferentes idades, e de diferentes escolas e universidades, o que chamou a atenção do autor foi justamente a ubiquidade da narrativa de identidade nacional japonesa, sua capacidade de permear a produção de subjetividade entre todos os informantes, independentemente de suas diferenças. Portanto, foi justamente esse o foco adotado pelo autor no decorrer do artigo.

A grande maioria das narrativas consideradas aqui não foi de estudantes que sofreram com faltas de oportunidades. Na verdade, na maior parte, os estudantes tiveram algum tipo de experiência internacional, e alguns foram até mesmo chamados em outros estudos de *elite japonesa* (UENO, 2013) ou chamaram a atenção da mídia (MIE, 2014) por serem jovens CEOs e empreendedores.

Por fim, faz-se necessário clarificar que o presente artigo adota, do ponto de vista metodológico, uma distinção entre o plano identitário e o plano das subjetivações. Portanto, ao longo do artigo, procurou-se diferenciar aquilo que seriam subjetividades produzidas relacionalmente pelas experiências dos jovens demonstradas no artigo, daquilo que seria um discurso *majoritário* – no sentido Deleuziano do termo – de identidade nacional japonesa. Campos (2009) explica muito bem essa dicotomia da seguinte forma:

O plano identitário opera pela dinâmica do pertencimento. É da ordem do ser e da essência. Não significa que essa ordem negue essencialmente a pluralidade, mas ela não prescinde da síntese. Pode estar ligada a hierarquias. Hierarquização de pertencimentos plurais, ainda que momentânea ou estratégica. O plano de subjetivação, não é da ordem da essência, mas inerentemente relacional. Pressupõe sempre um segundo elemento, mas não pressupõe necessariamente um terceiro (na forma de síntese, como no caso do hibridismo). Opera pela dinâmica mestiça. É um tornar-se permanente. É o que se passa entre dois elementos, que não nos remete a nenhum estado anterior, de identidades originais/primordiais, mas tampouco nos remete a um futuro de fusão, a uma síntese (CAMPOS, 2009, p. 85).

CONEXÕES ENTRE AS DIMENSÕES TEÓRICAS E EMPÍRICAS

Um caso noticiado pela mídia japonesa talvez sirva como um bom ponto inicial para a discussão sobre a produção de subjetividade entre a juventude japonesa. A repórter em questão, em matéria para o jornal *Japan Times*, começa a reportagem caracterizando a geração jovem contemporânea do Japão como a *Geração Resignada* (MIE, 2014), cujas esperanças foram demolidas devido à estagnação econômica. A repórter segue dizendo que críticos entendem que a juventude dessa geração não possui ambição, é avessa ao risco e relutante em se envolver em relacionamentos românticos, além de possuir pouco apetite por bens de luxo e geralmente não estar disposta a se esforçar para atingir seus objetivos. O que pode ser notado na forma como tais críticas são colocadas é que o que se considera errado na juventude japonesa atual é sua recusa em abraçar o projeto neoliberal. Isso fica ainda mais explícito conforme a reportagem prossegue.

Mie (2014) apresenta primeiro o caso da jovem japonesa Rika, de 16 anos, cujo grande feito, de acordo com a reportagem, foi estabelecer uma companhia que objetiva introduzir tendências das colegiais japonesas no mercado, adicionando à reportagem que ela sonha em estabelecer a própria companhia desde os 12 anos de idade. Outras conquistas que a reportagem compartilha incluem um aplicativo para *smartphone* voltado para colegiais que registra a voz de garotos considerados bonitos para funcionar como o som do despertador. O segmento dedicado a ela na reportagem termina citando a frase: “Me deu um frio na espinha quando me dei conta que eu não tinha feito nada e que iria morrer sem ter conquistado nada. Eu queria deixar uma marca para dizer que eu existi.”

O que Rika parece estar fazendo não é exatamente subverter a geração de apatia, como insinua a reportagem (MIE, 2014), mas, sim, por um lado, replicando o que Yoshino (1998) e Iwabuchi (2002) analisaram como uma forma de *nacionalismo cultural* presente no Japão. Rika tem a intenção de utilizar sua *subjetividade prêt à porter* de colegial japonesa e torná-la global, um mesmo

desejo que pode ser observado em diversas narrativas coletadas pelo autor. Inclusive, duas das jovens japonesas com as quais o autor teve contato, passaram a trabalhar após a graduação como o que elas mesmas intitularam de *embaixadora cultural*. Enquanto uma trabalha visitando sítios onde se pode encontrar o que é por ela denominado de *cultura tradicional japonesa*, dando uma roupagem atual e *pop* a tais formas artísticas que, para ela, representam o *Japão de verdade*; a outra, também no empreendedorismo, abriu uma consultoria que visa tornar global a cultura *pop* japonesa para outros países.

Por outro lado, a declaração de Rika sobre a percepção de que sua vida não teria significado caso ela não possuísse uma conquista para deixar como marca, já na idade de adolescente, sonhando em ter sua própria empresa aos 12 anos, representa a ideia do *ser neoliberal* e das subjetividades mercantilizadas, já bem analisadas nos trabalhos de Deleuze (1992) e de Gorz (2010). Essa *neoliberalização* do Eu, discutida pelos dois autores como a invasão da lógica do mercado na produção de subjetividade do indivíduo, é também vista na história de Yoichiro, também com 16 anos de idade, mencionada na reportagem (MIE, 2014) como dono de uma companhia voltada a estudantes do ensino fundamental e médio que possuam ideias de negócios. A experiência de Yoichiro parece longe de estar revolucionando o Japão, na verdade, algumas de suas narrativas, como “muitas companhias japonesas não me dariam uma experiência prática de trabalho em um curto espaço de tempo para que eu possa mudar para outras companhias, então eu decidi mitigar o meu risco lançando minha própria companhia para que eu possa ao menos ter o controle e a responsabilidade sobre minha vida”, são sintomáticas de uma tendência que vem acontecendo no Japão, principalmente em seus jovens: a neoliberalização do Eu.

A análise feita por Ueno (2013) contribui para que possamos verificar a neoliberalização da juventude japonesa com seu estudo sobre universitárias japonesas. As estudantes entrevistadas mostraram uma preferência em trabalhar em empresas internacionais. Quando perguntadas as razões de tal preferência, as estudantes mostraram convicção sobre seus motivos. Elas associam companhias internacionais com liberdade, e companhias japonesas com rigi-

dez, companhias internacionais com igualdade, e companhias japonesas com sexismo, companhias internacionais com mobilidade, e companhias japonesas com hierarquia, companhias internacionais com meritocracia, e companhias japonesas com senioridade. A questão não é discutir se essas descrições a respeito de companhias internacionais e japonesas estão corretas ou não, mas demonstrar a formação das percepções e afetos dessas estudantes em relação ao que lhes é apresentado como meios legítimos de atingir o sucesso.

Essas autonarrativas das estudantes incorporam muito bem os preceitos do neoliberalismo, a ideia de capital cultural e cognitivo como valor agregado (NEGRI e HARDT, 2011) a si mesmo na busca de uma vaga na companhia, que por sua vez agregaria valor ao indivíduo na sociedade. Para melhor entender isso, a descrição de Negri e Hardt (2011) sobre capitalismo biopolítico como uma mudança em direção a uma forma de produção não mais apenas de produtos materiais, mas também de formas de vida, é crucial. Quando o capitalismo começa a funcionar como um produtor de formas de vida, devido a suas novas formas de labor afetivo e cognitivo, o processo de individualização começa a ser moldado pela lógica do mercado. As próprias pessoas tornam-se produtos que devem ser comercializadas, ironicamente, para o mercado. Enquanto de um lado companhias promovem seus produtos para que indivíduos os comprem, do outro lado os indivíduos se promovem para que as companhias os contratem.

Boa parte dos entrevistados define seus objetivos na vida não apenas em termos de sucesso financeiro, mas também em termos de obter reconhecimento pelo seu talento. Tal reconhecimento deve vir particularmente de duas fontes: a primeira é o mercado, já que os entrevistados desejam rapidamente ser promovidos e subir os degraus corporativos, enfatizando a importância de um lugar onde possam ter acesso rápido a promoções baseados em uma *meritocracia*; a segunda são seus colegas, visto que muitos se referem a uma inveja e um desejo de competir e provar que eles também podem se manter no mesmo nível que seus pares, com alguns até mesmo se frustrando ao ver seus amigos já trabalhando, enquanto eles se mantêm “apenas estudando”, e que portanto desejam um emprego para acompanhar o ritmo deles.

Assim, tanto o mercado quanto a pressão dos colegas agem como produtores de incertezas. O primeiro demanda que eles se mantenham em um constante autoaperfeiçoamento sem fim, com o objetivo de obter um reconhecimento que existe apenas na forma de um *devir*, já que eles nunca obtêm o reconhecimento de fato, uma vez que o processo de melhoria nunca termina, e os degraus da companhia nunca chegam ao seu destino final. O segundo constantemente exige que eles mantenham o ritmo dos colegas, nunca ficando para trás, perpetuando um padrão. Por fim, acabam presos em um sistema que não lhes permite um mesmo estado de conforto e coloca um objetivo em um patamar que não pode ser alcançado, o que faz esses jovens viverem em uma permanente condição de incerteza e mal-estar.

Um dos fatores levantados por esses estudantes como razão para preferirem trabalhar em companhias internacionais, e não em companhias japonesas, foi a percepção de que aquelas privilegiavam um sistema meritocrático ao invés de um sistema de senioridade. Yuji (2007), em sua explicação sobre as incompatibilidades entre a realidade da juventude japonesa e o sistema em que operam as companhias do país, demonstra a rigidez com a qual se comportam tais empresas. Muito resistentes à mudança, falharam em lidar com a realidade contemporânea: operam de acordo não com a lógica neoliberal das companhias globais; na verdade, continuam a recusar-se a contratar *recursos humanos globais* sob o argumento de que ter de treinar estudantes internacionalizados seria muito trabalhoso, e que por isso preferem buscar estudantes formados no Japão, já que esses incorporam os *costumes japoneses* e, portanto, sabem como operar em uma companhia japonesa (UENO, 2013; YUJI, 2007).

O que pode se observar aqui é uma outra forma de biopolítica, uma biopolítica que faz uso muito mais do discurso da identidade nacional do que do discurso do capital. A ideia de capital cultural (BOURDIEU, 1998), explicitada na ideia de *saber agir como japonês*, faz uso de um certo modelo de *japonesidade*. Um modelo iniciado especialmente na Era Meiji (KINMONTH, 1982) e cujo modelo de essencialismo e homogeneidade foi desenvolvido por teorias chamadas de *nihonjinron* (BEFU, 2001).

Dos muitos meios utilizados para espalhar essa ideologia de essencialismo e homogeneidade, um deles merece um debate mais aprofundado: a escola. Isso se explica não apenas pela teoria sobre educação no Japão (OKANO, 2009; YOSHIMOTO, 2010) e como a educação possui papel central na produção de subjetividades, refletindo interesses de poder daqueles que produzem os currículos das escolas (BOURDIEU, 1998, 2004; GIROUX, 2001), mas também pelo fato de ser o principal local onde se passam as experiências compartilhadas pelos estudantes das narrativas coletadas pelo autor. Uma das narrativas que vale a pena mencionar vem de uma aluna japonesa que passou por um sistema de educação mais tranquilo chamado *yutori kyoiku* em uma escola pública durante o ensino fundamental. Ainda que por um lado ela descreva sua experiência com esse estilo de educação menos rígido como livre e sem muitas limitações ao que ela desejava fazer na escola, também menciona que, durante o período em que estudou nessa escola, passou por alguns problemas relacionados ao seu comportamento com as crianças ao redor, não conseguindo fazer muitas amizades por causa de sua *teimosia e personalidade forte*. A justificativa que ela oferece para isso é que os japoneses são uma etnia na qual você não pode ficar sem *ler as entrelinhas*.

O que chama a atenção nessa narrativa é como a dificuldade em lidar com os colegas de classe não é entendida como um problema da escola, mas a forma como os japoneses são. Essa normalização dos traços japoneses como naturais continua quando ela diz que a cultura japonesa é “a cultura de encontrar a virtude na beleza da harmonia e cooperação, em vez da individualidade”, na tentativa de explicar por que, segundo ela, programas pedagógicos que levam em conta a introdução da diversidade teriam pouco efeito na realidade doméstica. Muitos aspectos em tal narrativa merecem ser discutidos; primeiro, como a entrevistada considera o Japão e os japoneses tão *naturalmente* propensos a rejeitar diversidade e individualidade, mesmo que ela própria, uma japonesa, tenha abraçado esses conceitos. Essa descrição da população, sendo alheia à diversidade como se fosse *por sangue*, ainda que ela não se inclua nesse predicamento, pode ser considerada uma forma de lidar com incertezas?

Por um lado, pode-se argumentar que em um contexto de *esquizofrenia* (DELEUZE; GUATTARI, 1987, 2009) de uma sociedade dividida entre a rigidez do Estado-Nação e na fluidez do mercado, os japoneses poderiam estar usando a rígida narrativa da identidade-nacional para lidar com as incertezas trazidas pela fluidez do neoliberalismo e do mercado, já que para Lipovetsky (2005) nos encontramos na era do individualismo, e, portanto, a certeza de uma identidade compartilhada estaria se desmanchando. Yoshino (1998) argumenta, inclusive, que essas autonarrativas de identidade japonesa como algo único e exclusivo, utilizando do racionalismo em uma espécie de reflorescimento do *nihonjinron*, se tornam mais fortes precisamente na era da globalização e do neoliberalismo, à medida que os japoneses sentem a necessidade de lidar com um crescente contato com o *internacional*.

O autor cita especialmente como executivos tiveram um papel significativo na popularização e disseminação dessas teorias sob a forma de *manuals multiculturais*. Ele dá o nome de *manuals multiculturais* não apenas a manuais propriamente ditos, mas também àqueles de ensino de inglês e glossários que lidam de uma forma ou de outra com o carácter distintivo da sociedade japonesa no contexto dos negócios e das práticas de gestão, de estilo de vida no dia a dia, de expressões japonesas “sem tradução” etc. Portanto, contar com uma identidade fixa, rígida e pré-estabelecida pode ser visto como uma maneira prática de lidar com as incertezas ao se estabelecer noções mais estáveis e fixas de si mesmo e da sociedade. Porém, ao adotar esse argumento acaba-se deixando de fora o fato de essas identidades rígidas não serem representativas de como as pessoas realmente são e, portanto, podem acabar causando ainda mais ansiedade e incerteza, em vez de ser utilizada como uma forma de lidar com elas.

A rigidez do discurso de identidade nacional japonesa e do que significa ser japonês tem resistido às mudanças da sociedade japonesa, ignorando minorias, efeitos da globalização e da interconectividade, e o desenvolvimento de *identidades líquidas* (BAUMAN, 2000, 2001, 2011). Isto posto, o jovem japonês tem a completa noção de quais são os discursos sobre identidade japonesa e se vê cercado por tais normas, porém o indivíduo não necessariamente

te apresenta essas características. Visto que a ideia de *japonesidade* no Japão sofre do que Stiegler (2011, 2013) chama de *miséria simbólica*, pode-se argumentar que modos alternativos de *japonesidade* são difíceis de se imaginar, já que a incapacidade de lidar com tal modelo não se traduz em uma consciência da diferença, mas é entendida como uma inaptidão de *ser japonês*.

Quando um jovem japonês não possui o mesmo arranjo de características colocadas como sendo as de um japonês, mas ao mesmo tempo não consegue imaginar a si mesmo como parte de um *modo alternativo de japonesidade*, o que resta é imaginar a si mesmo como não conseguindo ser japonês. Portanto, a rígida noção de *japonesidade* não conforta e produz incertezas. Conclusões similares podem ser obtidas das narrativas presentes na reportagem de Mie (2014). Enquanto a reportagem comenta que “os jovens entrevistados disseram que ainda passam por desafios exclusivos, com o surgimento das ferramentas de redes sociais, eles se sentem pressionados a apresentar continuamente seu dia a dia nessas plataformas”, e que “quando eles postam comentários sobre suas atividades políticas e de negócios, são muitas vezes percebidos como chatos – visto que muitos de seus colegas não são favoráveis à competição, ou a se destacar se mostrando demais.” Sendo assim, complementa a repórter, “quando os tipos proativos se destacam demais, eles correm o risco de caírem no ostracismo, tanto no mundo virtual como no real.” Além disso, Ayaka, de 18 anos, diz à repórter que “um de seus professores lhe chamou de ‘arrogante’ simplesmente por considerar se candidatar para o posto [de presidente do conselho estudantil da escola]”. Como pode ser observado, não importa o quão fundo esses jovens entrem nas subjetividades neoliberais, nunca conseguem escapar das instituições tradicionais e suas rígidas noções sobre o que significa ser japonês.

Em um caso com o qual o autor teve contato, o fato de uma estudante não estar obtendo sucesso na escola e na busca de emprego foi compreendido por ela mesma como uma falta de *japonesidade*. A percepção que a razão da falta de sucesso nos estudos e na busca pelo emprego se dá por uma certa falta de capital cultural que se traduz em saber se comportar como um japonês leva a esse tipo de autorresponsabilização. Isso pode ser observado também em al-

gumas narrativas presentes na pesquisa de Ueno (2013): se outros japoneses estão conseguindo, por que não ela? Não deve estar sendo japonesa o bastante. O fato, é claro, não se dá por uma *falta de japonesidade*, mas por uma mais do que natural presença de formas diferentes de *japonesidade* que não é reconhecida em sua diferença. Outra narrativa coletada diz respeito a uma aluna com experiência em escolas internacionais que reclamava do ocorrido em uma reunião de ex-colegas de escola, pois nessa reunião foi lhe dito que seu comportamento não era apropriado *para uma japonesa*. Outra estudante frequentemente mencionava sua insatisfação com o fato de a família constantemente se utilizar do argumento “mas você é japonesa” como resposta para alguns de seus comportamentos e de suas ideias.

O fato de que muitos japoneses, mesmo quando em contato com diferentes formas de *japonesidades*, ainda fazem uso do argumento de que algo ou alguém *não está sendo japonês* pode ser mais bem compreendido utilizando o conceito de *sociedades heterônomas* de Castoriadis (1997). Segundo ele, sociedade heterônomas atribuem seus imaginários, e a identidade-nacional é um imaginário, como Anderson (2006) já bem demonstrou, para uma autoridade extrassocial, ou seja, que transcende a sociedade e, portanto, não faz parte da criação dos cidadãos. O que o trabalho de Befu (2001) revela sobre como os discursos de identidade nacional frequentemente fazem mais uso de visões essencialistas do que de uma visão socioconstrucionista pode ser muito bem observado nas narrativas mencionadas. Estas não são construídas dentro do argumento “eles representam uma forma de japonesidade e eu represento outra”, algo que vai de encontro ao que discute o trabalho de Lourenção (2010), mas que tais características são características do Japão, e eu estou apenas expondo-as. No estudo realizado por Lourenção sobre *máquinas de operação de japonesidades*, ele argumenta que a construção das *japonesidades* requer máquinas que podem ativar o que chama de *devir-nipônico*. Visto que esse devir pode ser ativado por máquinas diferentes, cada máquina pode, portanto, produzir diferentes formas de *japonesidade*. Porém, mesmo ao longo de sua argumentação, Lourenção sabe que essa não é a forma como a ideia de *japonesidade* de costuma ser vista tanto pelo “japonês” como pelo “não-japonês”.

Interessante voltar à narrativa anteriormente apresentada sobre a estudante japonesa que frequentou uma escola pública japonesa no sistema *yutori kyoiku*. Após sua entrada no colegial, ela diz que a situação mudou; agora, percebe que a função da escola se encaixa no que o autor definiu para ela como uma *educação direcionada à construção do “japonês ideal”*. Nesse momento ela diz que a educação recebida passou a ter um único objetivo: formar estudantes para entrar em universidades famosas, normalmente a Universidade de Tóquio. Segue explicando que isso acontece, em sua visão, pois o Japão *ainda* é uma sociedade que se baseia no histórico escolar, em que, mais do que o conteúdo absorvido pelo aluno, o que importa é qual universidade você frequentou. Assim, ela passa sua versão do que é o modelo de sucesso para o japonês: você vai para uma boa universidade, você consegue um bom emprego; é esse o caminho. Sua experiência com essa ideologia também é explicada em seguida, quando relata que se sentiu inclinada a entrar em outra universidade, de orientação internacional, após ser confrontada com algumas questões durante a visita ao campus. Contudo a nova decisão de entrar nessa universidade não agradou o professor que a obrigou a colocar as universidades nacionais e as universidades particulares famosas como prioridade, já que, segundo sua narrativa, a universidade em que ela gostaria de entrar não era famosa o suficiente. Nesse momento descreveu seus sentimentos como se estivesse fazendo o vestibular não para si mesma, mas em nome da reputação da escola.

Mais uma vez, podemos tirar algumas conclusões a partir dessa narrativa. Primeiro, a conceptualização de um Japão como uma sociedade que *ainda* foca o histórico escolar como a mais importante forma de capital cultural pode ser analisada como interpretação de anacronismo de tal característica da sociedade japonesa. Ao dizer que algo *ainda* é alguma coisa, significa que ela *ainda* não mudou, e pode ser argumentado que isso demonstra certo desejo de que essa mudança aconteça, ou uma expectativa de que já deveria ter mudado. Outra conclusão que pode ser obtida vem da parte final da narrativa, em que a aluna conta que se sentiu fazendo o vestibular em nome da faculdade, e não de si mesma. Desta forma, torna-se explícita a ideia de que a estudante diferencia claramente seu objetivo e o da instituição, e os coloca como incompatíveis.

Mais uma vez, portanto, assim como nos casos das narrativas encontradas no estudo de Ueno (2013), a rigidez das instituições japonesas atua produzindo limitações, enquanto universidades, escolas e companhias internacionais atuam como uma oportunidade de escape para os japoneses. Porém é importante lembrar também que esse escape é imaginado, uma vez que a visão de *japonesidade* obtida em universidades internacionais muitas vezes reforça um discurso homogêneo sobre o que é ser japonês, que muitas vezes, como já bem exposto por Hansen (2017), não reflete a diversidade e complexidade da experiência desses jovens.

É relevante pontuar que a literatura não-japonesa sobre o Japão não apresenta necessariamente nenhuma evolução em relação ao *nihonjinron* desenvolvido internamente. Pode-se até mesmo dizer que dos escritos de Ruth Benedict (1989), passando por Davies e Ikeno (2002), até hoje, intelectuais de fora do Japão produziram seu próprio *nihonjinron*. Além disso, como bem lembra Daisuke Nishihara (2007), intelectuais nacionalistas japoneses proporcionaram uma calorosa recepção às teorias de Edward Said, utilizando-as como justificativa para barrar qualquer discurso externo ao Japão sob a acusação de que são obras *orientalistas* que não entendiam a singularidade do Japão. Portanto, a exposição de alunos às instituições internacionais ou internacionalizadas não significa, necessariamente, uma exposição a visões mais abertas e mais fluídas de *japonesidade*.

As pessoas que encontram-se representadas pelas narrativas recolhidas aqui optaram por escapar do caminho de escolas de prestígio e universidades de prestígio porque estão buscando um objetivo diferente daqueles oferecidos a elas como os objetivos de um japonês de sucesso. Os objetivos desses jovens japoneses não são centrados na identidade nacional ou no rígido discurso de uma *japonesidade* particular; focam, em outro sentido, uma ideologia neoliberal do indivíduo de sucesso, que faz uso de objetivos mais individualistas, mas que ainda são avaliados pelo mercado e por seus colegas. Portanto, a ideia de *esquizofrenia* conforme entendida na obra de Deleuze e Guattari (1987, 2009) torna-se crucial para entender esse fenômeno. O escape, ou o que Deleuze e Guattari (1987, 2009) chamam de *desterritorialia-*

lização da narrativa nacional de sucesso é rapidamente *reterritorializada* na forma de uma narrativa neoliberal de sucesso. Deste modo, ainda que as limitações sentidas pelos jovens japoneses quanto ao rígido modelo nacional os levem a adotar estratégias de escape, ele se torna um escape incompleto, já que um pode, por meio de escolas, universidades e companhias internacionais, escapar de algumas instituições japonesas educacionais e do trabalho, porém as expectativas sociais dos outros japoneses continuam operando na sociedade em geral.

O que está sendo produzido, assim, não se trata de libertação ou autonomia, mas da adoção por parte do indivíduo de dois grupos de expectativas diferentes e conflitantes: o nacional e o neoliberal, reforçando a ideia de esquizofrenia levantada por Deleuze e Guattari (1987, 2009) e deixando a juventude japonesa presa em um sistema que dispõe de duas fontes de produção de expectativas e incertezas para lidar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as considerações teóricas e a análise das narrativas apresentadas, pode-se argumentar que a estratégia de escape utilizada pela juventude japonesa para lidar com as incertezas e limitações evidenciam consequências políticas. A *miséria simbólica* (STIEGLER, 2011, 2013) produzida pelas escolas japonesas em relação aos modelos de japonesidade, que falham ao não enxergar o aspecto de *dever* das *japonesidades* (LOURENÇÃO, 2010) e sua multiplicidade de modos de individuação, acaba transformando a sociedade japonesa em uma *sociedade heterônoma* (CASTORIADIS, 1997), que vê suas características não como parte de uma construção social, mas como naturais e imutáveis. Se são assim consideradas, torna-se improvável que a consciência e o desejo de mudança sejam produzidos. Por outro lado, as novas formas do labor que demandam que o saber e os afetos estejam a serviço do mercado (BERARDI, 2009; MARAZZI, 2008, 2011; VIRNO, 2004) geram um capitalismo biopolítico que, por

sua vez, cria modos de vida (NEGRI; HARDT, 2001, 2011) e faz os indivíduos e seus saberes serem avaliados de acordo com os valores que lhes são conferidos pelo mercado (GORZ, 2010).

Porém esse capitalismo biopolítico, ao menos no caso japonês, não resulta no mergulho dentro da própria subjetividade, como argumenta Simmel (1987) em sua descrição da metrópole. Ainda que Azuma (2009) enfatize a proliferação de subculturas na pós-modernidade japonesa, que sucede o Japão da modernidade-mundo de Ortiz (2000), o que pode se observar com esse trabalho é que tal proliferação de tribos, como já apontava Maffesoli (1995), não está relacionada com o crescimento do individualismo. O que as narrativas apresentadas demonstram é que, mesmo com uma riqueza de experiências internacionais, mesmo entre jovens capazes de navegar instituições internacionalizadas, o espectro da identidade japonesa continua presente e sendo reproduzido a despeito de sua inadequação às experiências subjetivas de cada um desses jovens.

Por fim, Mie (2014) finaliza sua reportagem afirmando que “observadores dizem que os jovens de hoje estão cada vez mais polarizados entre aqueles que são proativos, e outros que são passivos”, porém a situação se mostra menos pautada por uma relação entre passividade *ou* proatividade, e mais por uma relação entre rigidez *e* flexibilidade para lidar com demandas dicotômicas ao mesmo tempo. Isso abre caminho para a criação de um novo conjunto de expectativas a serem atingidas pelos indivíduos que não aparece para substituir, mas para somar às expectativas construídas pelo discurso de identidade-nacional. Ainda que, deve ser reforçado, isso represente apenas um escape incompleto por parte da juventude japonesa de um conjunto de expectativas para outro, já que a sociedade não existe apenas em uma única esfera, mas na combinação realizada pelas duas.

É nessa condição *esquizofrênica* que se encontram os jovens japoneses, uma em que as limitações causadas pela rigidez das normas nacionais fazem-nos optar por escapar, apenas para serem rapidamente reterritorializadas pelo mercado em sua forma neoliberal.

REFERÊNCIAS

1. ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities**: Reflections on the origin and spread of nationalism. London: Verso, 2006.
2. AZUMA, Hiroki. **Otaku**: Japan's database animals. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.
3. BAUMAN, Zygmunt. **Culture in a Liquid Modern World**. Cambridge: Polity Press, 2011.
4. BAUMAN, Zygmunt. **Liquid Love**: On the frailty of human bonds. Cambridge: Polity Press, 2003.
5. BAUMAN, Zygmunt. **Liquid Modernity**. Cambridge: Polity Press, 2000.
6. BAUMAN, Zygmunt. **The Individualized Society**. Cambridge: Polity Press, 2001.
7. BEFU, Harumi. **Hegemony of Homogeneity**: An anthropological analysis if Nihonjinron. Melbourne: The Transpacific Press, 2001.
8. BENEDICT, Ruth. **The Chrysanthemum and the Sword**: Patterns of Japanese culture. Boston: Houghton Mifflin Harcourt. Reprint, 1989.
9. BERARDI, Franco. **The Soul at Work**: From Alienation to Autonomy. Cambridge: The MIT Press, 2009.
10. BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.
11. BOURDIEU, Pierre. **The State Nobility**: Elite schools in the field of power. Cambridge: Polity Press, 1998.
12. CAMPOS, Geraldo Adriano Godoy. **Entre devires e pertencimentos**: a produção da subjetividade entre imigrantes bolivianos em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), PPGCS, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2013.
13. CASTORIADIS, Cornelius. **The Imaginary Institution of Society**: Creativity and autonomy in the social-historical world. Cambridge: Polity Press, 1997.
14. DAVIES, Roger; IKENO, Osamu. **The Japanese Mind**: Understanding contemporary culture. Vermont: Turtle Publishing, 2002.
15. DELEUZE, Gilles. Postscripts on the Societies of Control. **October**, v. 59, edição de inverno, p. 3-7, 1992.
16. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **A Thousand Plateaus**: Capitalism and Schizophrenia. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.

17. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia**. London: Penguin Classics, 2009.
18. GIROUX, Henry. **Theory and Resistance in Education: Towards a pedagogy for the opposition**. Westport: Bergin & Garvey, 2001.
19. GORZ, Andre. **The Immaterial: Knowledge, Value and Capital**. Calcutta: Seagull Books, 2010.
20. HANSEN, Paul. Kyoko's Assemblage: Escaping *futsu no Nihonjin* in Hokkaido. In: HANSEN, Paul; GUARNÉ, Blai (Org.). **Escaping Japan: Reflections on estrangement and exile in the twenty-first century**. Abingdon: Routledge, 2017.
21. HORIO, Teruhisa. **Educational Thought and Ideology in Modern Japan: State Authority and Intellectual Freedom**. Tokyo: University of Tokyo Press, 1988.
22. IWABUCHI, Koichi. **Recentering Globalization: Popular Culture and Japanese Transnationalism**. Durham: Duke University Press, 2002.
23. KINMONTH, Earl. **The Self-Made Man in Meiji Japanese Thought: From samurai to salary man**. California: University of California Press, 1982.
24. LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo**. Barueri: Manole, 2005.
25. LOURENÇÃO, Gil Vicente. O caminho da espada como máquina de operação da japonesidade. In: MACHADO, Igor (Org.). **Novos estudos sobre a presença japonesa no Brasil**. São Carlos: UFSCar, 2010, p. 27-57.
26. LYOTARD, Jean-Francois. **The Postmodern Condition: A report on knowledge**. Minneapolis: Univ. of Minnesota Press, 1984.
27. MAFFESOLI, Michel. **The Time of the Tribes: The decline of individualism in mass society**. London: SAGE Publications, 1995.
28. MARAZZI, Christian. **Capital and Affects: The politics of language economy**. Cambridge: The MIT Press, 2011.
29. MARAZZI, Christian. **Capital and Language: From the new economy to the war economy**. Cambridge: The MIT Press, 2008.
30. MCVEIGH, Brian J. **Wearing Ideology: State, Schooling and Self-Presentation in Japan**. New York: Bloomsbury Academic, 2000.
31. MIE, Ayako. 'Generation Resignation' youngsters defy stereotypes: Seen as listless, many youths in fact are active in business, politics. **The Japan Times**. Disponível em: <http://bit.ly/2EWMB8I>. Acesso em: 20 fev. 2014.
32. NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. **Commonwealth**. Cambridge: Belknap Press, 2011.

33. NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. **Empire**. Cambridge: Harvard University Press, 2001.
34. NISHIHARA, Daisuke. Said, Orientalism, and Japan. In: GAZHOUL, Ferial J. (Org.). **Edward Said and Critical Decolonization**. Cairo: The American University in Cairo Press, 2007.
35. OKAMOTO, Shigeko; SMITH, Janet S. Shibamoto. **Japanese Language, Gender, and Ideology: Cultural Models and Real People**. New York: Oxford University Press, 2004.
36. OKANO, Kaori. School Culture. In: SUGIMOTO, Yoshi. **The Cambridge Companion to Modern Japanese Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 92-112.
37. ORTIZ, Renato. **O próximo e o distante: Japão e modernidade-mundo**. Brasília: Editora Brasiliense, 2000.
38. SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (Org.). **O fenômeno urbano**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
39. STIEGLER, Bernard. **De la Misère Symbolique**. Paris: Editions Flammarion, 2013.
40. STIEGLER, Bernard. Suffocated Desire, or How the Cultural Industry Destroys the Individual: Contribution to a theory of mass consumption. **Parrhesia**, v. 13, p. 52-61, 2011.
41. SUGIMOTO, Yoshio. **Introduction to Japanese Society**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
42. UENO, Mirai. “**Exiting to the Foreign**”: A study on career motivations of the elite Japanese outward oriented female university graduates. Dissertação (Mestrado em Antropologia), GSAPS, Waseda University, Tóquio, 2013.
43. VIRNO, Paolo. **A Grammar of the Multitude: For an analysis of contemporary forms of life**. Cambridge: The MIT Press, 2004.
44. YOSHINO, Kosaku. Culturalism, Racialism, and Internationalism in the Discourse on Japanese Identity. In: GLADNEY, Dru C. (Org.). **Making Majorities: Constituting the national in Japan, Korea, China, Malaysia, Fiji, Turkey, and the United States**. Stanford: Stanford University Press, 1998, p. 13-30.
45. YUJI, Genda. **A Nagging Sense of Job Insecurity: The new reality facing Japanese youth**. Tóquio: I-House Press, 2007.